

## RURALIDADE E MULHER NA COMUNIDADE MANDJAKU, GUINÉ-BISSAU

VLADIMIR DA COSTA<sup>25</sup>

JULIA FIGUEREDO BENZAQUEN<sup>26</sup>

### RESUMO

O objetivo do trabalho visa compreender a independência e autonomia das mulheres na comunidade Mandjaku, Guiné-Bissau. Também entender de que forma as mulheres lidam com o trabalho dos cuidados e das responsabilidades. Tendo em vista que, as maiorias das mulheres Mandjaku ficam com cuidado da terra, da casa assim como do sustento da própria família. Este artigo é fruto da disciplina Gênero e Ruralidade ministrada pela professora Andrea Butto. A pesquisa é de abordagem qualitativa de cunho bibliográfico com argumento empírico uma vez que este trabalho se encontra ligado aos fenômenos sociais e culturais de caráter simbólico e o enfoque do estudo são ações dos indivíduos, grupos e mandjuandadi Mandjaku. O resultado mostra que as mulheres são os principais produtores da economia do país, mas também deparam com certas responsabilidades nos cuidados da terra deixado pelo marido. Portanto, as mandjuandades nos contextos rurais vem contribuindo com colaboração essencial para que as mulheres rurais possam ter controle das suas próprias vidas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Independência e autonomia; Mulher Mandjaku; Ruralidade; Cuidado e Responsabilidade; Guiné-Bissau.

### ABSTRACT

*The objective of this study is to understand the independence and autonomy of women in the Mandjaku community, Guinea-Bissau. It also aims to understand how women deal with care work and responsibilities. Considering that most Mandjaku women are responsible for taking care of the land, the home and the livelihood of their own family, this article is the result of the Gender and Rurality course taught by Professor Andrea Butto. The research is a qualitative approach of bibliographic nature with empirical argument, since this work is linked to social and cultural phenomena of a symbolic nature and the focus of the study is the actions of Mandjaku individuals, groups and mandjuandadi. The result shows that women are the main producers of the country's economy, but they also face certain responsibilities in caring for the land left by their husbands. Therefore, the mandjuandades in rural contexts have contributed with essential collaboration so that rural women can have control of their own lives.*

**KEYWORDS:** Independence and autonomy; Mandjaku woman; Rurality; Care and responsibility; Guinea-Bissau.

<sup>25</sup>Discente do PPGCS-UFRPE, E-mail: vladimir.costa2@ufrpe.br

A construção deste artigo adequa-se à exigência da disciplina Gênero e Gênero e Ruralidades, ministrada pela Profa. Dra. Andrea Butto do PPGCS-UFRPE para o efeito de aprovação no processo avaliativo dela.

<sup>26</sup> Profa. Orientadora do PPGCS-UFRPE, E-mail: julia.benzaquen@ufrpe.br

## Introdução

Antes de entrar em detalhes sobre o propósito deste artigo, é necessário situar o contexto geográfico do nosso estudo, referimos neste caso a região de Cacheu as quais situa-se no norte da Guiné-Bissau na fronteira com Ziguinchor região da República do Senegal. Localiza-se na zona rural do país, com superfície de 5.174,9 km<sup>2</sup> conforme dados do Instituto Nacional de Estatística (INE, 2009). A região de Cacheu possui 192.508 habitantes, e de acordo com dados do INE levantados em 2009, Mandjaku corresponde a 8,3% da população do país. Esta região é constituída por seis setores<sup>27</sup>: Bigene, São Domingos, Bula, Caio, Canchungo e Cacheu.

De acordo com Paulina Mendes (2014, p.09) “a maior parte dos habitantes desta região é do grupo étnico Mandjaku [...].” A autora afirma que entre esses setores da região do Cacheu os mais representativos são setor de Canchungo e setor Caió. Ela demonstra que a sociedade Mandjaku nesta região está dividida por nove (9) comunidades ou subgrupos.

*O subgrupo Djeta, (Picixe e Caió); o subgrupo Canhobe, (Tam e Pandim); o subgrupo Babok (...) que integra (Canchungo, Utia-Côr, Pontchenar, Canou, Bar, Capol, Badjope, Blequisse, Cadjindjassa, Tchualam, Petabe, Beniche etc.); o subgrupo Tchur, que integra (Tchur, Cacheu, Mata e Bianga); o subgrupo Pantufa, o subgrupo Pelundo e Binhante; o subgrupo Bassarel; o subgrupo Caliquesse, e subgrupo Cobiano (MENDES, 2014, p. 10).*

Esses subgrupos se agruparam “em função de três critérios: proximidade geográfica, parentesco e afinidade linguística”. Nos territórios mandjakus existe uma diversidade cultural de acordo com os critérios aqui referidos. O foco do trabalho se recai no subgrupo Djeta, e neste se encontram duas comunidades, Picixe e Caió, por terem algumas similaridades, tanto na língua falada, quanto nas atividades agrícolas e entre outras. Jesus (2018, p.27) “as sociedades manjacas variam entre estruturas patrilineares e matrilineares, mas na maioria delas a matrilinearidade é base da organização da tabanca<sup>28</sup>”. No que tange ao sistema de parentesco, segundo Mendes (2014, p.11), o subgrupo referido em acima “caracteriza-se por um sistema de parentesco matrilinear”. Vladimir da Costa (2022, p.7) sustenta que, “parentesco matrilinear é através do qual somente a ascendência (família) da mãe é tida em consideração nos momentos importantes dos filhos/as, por exemplo: no casamento, no ritual circuncisão etc.

Na comunidade Mandjaku segundo Jesus (2018, p.41) “sempre foi conferido um lugar de centralidade para a mulher. Nas sociedades matrilineares as mulheres representam a

<sup>27</sup>Setores (Municípios) são sedes administrativas das regiões da Guiné-Bissau. Na região de Cacheu é constituído por seis (6) sedes administrativas. Por exemplo Estado Pernambuco é uma região com 184 municípios (setores).

<sup>28</sup>Tabanca - (crioulo guineense) - “se refere ao que se chama também de “aldeia” ou comunidade de um determinado grupo étnico. As tabancas normalmente se referem ao espaço de compartilhamento de cultura e saberes de cada grupo, estando localizadas dentro das cidades e setores da Guiné” (Jesus, 2018, p.8)

fertilidade, a continuidade dos costumes e das tradições”. Quando se fala de tradição “as mulheres mandjakus em razão dessa centralidade acabam representando antagonismos, e costuma recair sobre elas responsabilidades as quais os homens encontram-se imunes” (Jesus, 2018, p.41).

Vanda Narciso (2023) ressalta que:

*As sociedades matrilineares não são o espelho oposto das sociedades patrilineares. Sendo que a maioria delas são matrilineares, mas não matriarcais. Ou seja, habitualmente mesmo em sociedades matrilineares as mulheres não ocupam a mesma posição que os homens ocupam nas sociedades patrilineares e patriarcais. Assim, enquanto a descendência é rastreada através das mulheres, algumas sociedades matrilineares os homens continuam a manter uma posição importante [...] (Narciso, 2013, p.15).*

Como é visto na comunidade Mandjaku, a mulher só tem poder dentro do seu determinado espaço do casamento, como ressalta Costa (2022, p.8), “as mulheres não ocupam os cargos de grande responsabilidade política, como Régulo<sup>29</sup> ou Chefe da tabanca, porque de acordo com (FDB<sup>30</sup>, 2007-2011, p.262) “não podem normalmente exercer o poder de decisão na tabanca”, mas podem encarregar-se da decisão na tabanca, “quando são responsáveis por uma família autónoma”.

O povo Mandjaku cultiva o arroz, a batata, a mancara (amendoim) e entre outros produtos. Segundo Carreira (1947, p.17) os mandjakus viviam de “caça, pesca, aproveitamento das matas e frutos silvestres, também de criação dos animais domésticos para aproveitar os seus produtos como (carne, leite, pele etc.)”. Jesus indica que:

*A organização social e econômica dos manjacos esteve, pelo menos até o período colonial, ligada a uma complexa estrutura que garantia às comunidades a possibilidade do trabalho constante nas terras, na exploração de palmeiras, nas atividades de cestaria, olaria, pesca, agricultura etc. (Jesus, 2018, p.27).*

Muitos mandjakus vivem fora dos seus territórios, à procura da melhor condição de vida, principalmente os estudos. Os outros nasceram nos países vizinhos (Senegal e Gâmbia) assim como na diáspora, mas eles fazem parte ou pertencem a essa comunidade por tradição e costumes que eles praticam fora do território.’

O objetivo do trabalho visa compreender a independência e autonomia das mulheres na comunidade Mandjaku, Guiné-Bissau. Também entender de que forma as mulheres lidam com o trabalho dos cuidados e das responsabilidades. Tendo em vista que, as maiorias das mulheres Mandjaku ficam com cuidado da terra, da casa assim como do sustento da própria

29 “O régulo é a principal liderança de uma tabanca. Cabe a ele conduzir cerimônias mágico-religiosas, tomar as decisões finais de interesse da coletividade e representar sua tabanca como agente político da sua região” (Jesus, 2018, p.08).

30 Faculdade de Direito de Bissau.

família, que deveria ser da responsabilidade do marido segundo tradição Mandjaku. Mas o que acontece nesse espaço rural é a questão emigratório, visto que os homens emigram mais com relação as mulheres. Por isso, as mulheres casadas acabam ficando com essas responsabilidades (de cuidados dos filhos/as e das plantações etc.).

Esta pesquisa tem uma relevância significativa na luta pela emancipação das mulheres nas zonas rurais promovendo a equidade de gênero na Guiné-Bissau. Em sociedades africanas, principalmente dos Mandjakus, as mulheres desempenham papéis cruciais na manutenção da família e da comunidade. No entanto, elas frequentemente enfrentam desafios significativos, como a discriminação de gênero, a falta de acesso a recursos e oportunidades. Dessa forma, as iniciativas de movimentos feministas na Guiné-Bissau, visam superar essas barreiras e promover a igualdade e direito a espaço público sobretudo o acesso à terra. Segundo Angela Figueiredo e Patrícia Gomes (2016) mostram que:

*O movimento feminista na Guiné-Bissau, tal como o compreendemos, nasceu a partir de uma luta anticolonial e de um processo revolucionário conduzidos contra o poder colonial português, em que as mulheres tiveram uma participação significativa. O discurso emancipatório oficial procurou promover a imagem das mulheres guineenses, mostrando a sua centralidade no processo de independência e na sociedade em geral (Figueiredo; Gomes, 2016, p.920)*

O trabalho se justifica para mapear as dinâmicas rurais das mulheres Mandjaku assim como no fortalecimento das suas autonomias. Também como requisito avaliativo da disciplina de Gênero e Ruralidades do PPGCS<sup>31</sup>.

Essa pesquisa é de abordagem qualitativa de cunho bibliográfico com argumento empírico uma vez que este trabalho se encontra ligado aos fenômenos sociais e culturais de caráter simbólico e o enfoque do estudo são ações dos indivíduos, grupos e mandjuandadi Mandjaku. Por outro lado, objetiva- se descrever as características dos fenômenos (Ruralidade e Mulher) e estabelecer relações entre materiais de estudo. Foram feitos um levantamento e seleção minuciosa dos artigos científicos, monografias, dissertações, teses dentre outros materiais sobre a temática sobretudo os textos da disciplina Gênero e Ruralidades com seguintes autoras: Cristina Carrasco Bengoa (2018); Karolyna Marin Herrera (2019); Cecilia M. B. Sardenberg (2015) e (2006); Andrea Butto (2023).

O artigo está organizado em duas (2) etapas: Na primeira destaco as mandjuandadi<sup>32</sup>

31 Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, UFRPE.

32 “[...] a mandjuandadi é um grupo de pessoas da mesma idade, que tem a sua origem nas aldeias, são pessoas que se juntam para a realização dos trabalhos no campo, na colheita e noutras atividades” (Costa, 2022, p.12)

“Mandjuandadi pode ser interpretado de diversas maneiras. Para nós, as reuniões quinzenais são uma forma de vivenciar Mandjuandadi. Nessas ocasiões, compartilhamos notícias sobre os acontecimentos em nossa tabanca, discutimos os problemas que cada uma enfrenta e buscamos formas de nos apoiarmos umas às outras. Os temas abordados - como questões familiares, desafios com maridos e filhos, além de problemas na comunidade e no Estado - inspiram as letras das músicas que cantamos” (Notas de caderno de campo, Ana Maria Bandeira, integrante do grupo de Mandjuandadi Babock, 20 de setembro de 2018) apud (Peti Mama Gomes, 2024, p.154).

como espaço do empoderamento das Mulheres na Guiné-Bissau; na Segunda falarei sobre ruralidade e mulher na comunidade tradicional Mandjaku; por último as considerações finais.

### **As Mandjuandadi como Espaço do Empoderamento das Mulheres na Guiné Bissau**

Para feministas, segundo Sardenberg (2006, p.2), “o empoderamento de mulheres, é o processo da conquista da autonomia, da auto-determinação”. A autora mostra ainda que “o empoderamento das mulheres implica, para feministas, a libertação das mulheres das amarras da opressão de gênero, da opressão patriarcal” (Sardenberg, 2006, p.2).

Goia Alfredo Biague (2019) mostra que:

*O significado de empoderamento é associado a lutas das organizações feministas no sentido de continuar a luta pela emancipação das mulheres e romper com a história de discriminação e invisibilidade do papel delas na sociedade [...] e romper com invisibilidade vai um pouco mais além do empoderamento e da representatividade da mulher nos espaços de poder e, requer, em verdade a ampliação do próprio conceito de esfera pública (Biague, 2019, p.10).*

Percebe-se que o Empoderamento é um conceito que se refere à capacidade das mulheres de assumir o controle de suas próprias vidas. Na comunidade Mandjaku, isso se reflete nas dinâmicas rurais, onde as mulheres desempenham papéis cruciais na sustentabilidade e no desenvolvimento da tabanca.

Segundo Biague, (2019, p.6) “o histórico limitador das mulheres nos espaços públicos está atrelado e, sobretudo ancorado, na cultura hegemônica e na desigualdade de gênero, que tem restringido as mulheres sempre aos espaços privados como sendo o único espaço que ela deve ocupar na sociedade”. Ainda disse que “durante a história guineense as mulheres estão sempre buscando a redefinição desse espaço que lhe foi relegado pelas tradições machistas, um novo caminho de conquista do espaço público [...] as mulheres têm buscado inserção nos diferentes espaços públicos” (Biague, 2019, p.8).

As mandjuandadi surge na Guiné-Bissau, justamente para que as mulheres possam exercer os seus direitos e compartilhar as suas vivências cotidianas tanto nos espaços urbanos quanto nos espaços rurais. Fernanda Cavacas (1999, p.230) afirma que “as mandjuandades surgiram com a necessidade (típica do povo africano) de convivência. [...] Existe uma solidariedade interna, um “amiguismo” entre os elementos de uma “mandjuandade”.

Logo percebe-se que, as mandjuandadi tem sido um espaço muito rico para as mulheres, uma vez que elas se apoiam em diferentes atividades, sobretudo na agricultura. Para Odete Semedo (2010);

*As mandjuandadi compreendidas como grupo organizado, cuja finalidade é a solidariedade social entre os seus membros, existem em todos os grupos étnicos da Guiné-Bissau. Cada grupo denomina a coletividade por um termo específico da sua língua, mas sendo o crioulo guineense a língua franca, todos os grupos étnicos a usam. Logo, para além do nome vernáculo que define coletividade, usa-se a denominação em crioula, ou seja, o termo mandjuandadi (Semedo, 2010, 125).*

Muitos trabalhos argumentam que o termo mandjuandadi tem origem da etnia Mandjaku. Carvalho e Mbundé (2021):

*Para melhor compreensão do surgimento do termo mandjuandade, os primeiros autores a usar a palavra mandjuandade foram, Antônio Carreira e Fernando Rogado Quintino. António Carreira declara no seu artigo publicado no Boletim Colonial da Guiné Portuguesa (BCGP), que os grupos organizados para fins sociais se definiam “pelo vocábulo acrioulado (que parece ligar-se à raiz manjaca<sup>33</sup>) de Mandjuandade, utilizado no sentido da mesma idade; da mesma estrutura; da mesma geração; idêntico; igual; semelhante” (Carvalho e Mbundé, 2021, p. 146).*

Nas mandjuandadi existe uma prática denominado abota<sup>34</sup> onde cada membro contribui de acordo com valor estipulado, e tudo isso é para manutenção do grupo, assim como para futuras necessidades individuais dos participantes. Estar na mandjuandadi significa que as mulheres estão se mobilizando, se auto-empoderando e se organizando em rodas e grupos para falarem sobre suas situações, como vida familiar, problemas dos filhos e principalmente problemas financeiros.

Segundo Peti Mama Gomes (2024, p.159) “as mandjuandes, enquanto espaços sociais de encontro maioritariamente frequentados por mulheres de diferentes faixas etárias, surgem da necessidade de construir um espaço público no qual possam compartilhar saberes, experiências e se ajudarem mutuamente”. Carvalho e Mbundé, (2021, p.142) afirmam que “[...] as mulheres têm lutado pela emancipação nessas esferas, a sua participação nos grupos de mandjuandadi é uma forma de resistência a submissão em seus lares familiares, a estrutura patriarcado e sua invisibilidade nos lugares de tomadas de decisões”.

Essa forma associativismo também é uma das organizações onde as mulheres se sentem acolhidas, onde recebem formação sobre como organizar e preparar o terreno para plantação hortaliças.

33 A grafia desse termo varia. Ora, é escrito como Mandjaku, ora é majaco, ora é majac, ora é manjak, ora é mandjako. Dependendo da preferência do autor e do contexto. Os que vivem nas zonas da influência francesa, tendem a usar as variações relacionadas a língua francesa: manjak ou manjako

34 Contribuição grupal

*As práticas associativas são oportunidades para mulheres organizarem redes de relações sócias desligadas do universo doméstico e familiar, permitindo-a a “individualização das estratégias femininas, de sobrevivência e promoção socioeconômico com base em relações sociais voluntárias, que implicam confiança e solidariedade” (Carvalho e Mbundé, 2021, p.159).*

As mandjuandadi têm tido um papel fundamental na independência das mulheres principalmente nas zonas rurais, onde as mulheres se juntam para realizar diferentes trabalhos sem depender dos homens.

As mandjuandadi foram importantes nas lutas e mobilizações dos recursos das mulheres rurais independentes nos seus trabalhos agrícolas. Essa independência é crucial, uma vez que, as mulheres sempre foram preservadoras da natureza e para desenvolvimento sustentável nos meios rurais. Elas são pilares da educação dos filhos/as, transmitindo valores e conhecimentos de cuidados para novas gerações, mas mesmo assim, têm enfrentado dificuldades de igualdade de gênero.

*Embora as mulheres rurais tenham conquistado diversos direitos de cidadania, principalmente por meio de lutas e mobilizações para o reconhecimento do seu trabalho rural, sindicalização, autonomia e outros, e desempenharem um papel fundamental para a promoção do desenvolvimento sustentável, são muitas as dificuldades até agora enfrentadas para se alcançar a igualdade de gênero no âmbito rural (Costa e Quintana, 2024, p.42).*

### Ruralidade e Mulher na Comunidade Tradicional Mandjaku

O termo Ruralidade segundo Flamarión Dutra Alves (2021, p.29) “tem despontado desde o final da década de 1990, como uma acepção dos traços presentes na vida/mundo rural na sociedade contemporânea e presente nas cidades”. Barbossa (2015, p.83) define que “a ruralidade, como lugar, valor, modo de vida e cultura específica, garante a autenticidade, exoticidade e confiabilidade no produto consumido em escalas globais”. Carneiro (1997, p.73) também ressalta que “a ruralidade se expressa de diferentes maneiras como representação social conjunto de categorias referidas a um universo simbólico ou visão de mundo - que orienta práticas sociais distintas em universos culturais heterogêneos [...]”.

Alves ainda sustenta que:

*Nessa conjuntura, a ruralidade é marca presente em muitas cidades pequenas e médias, a territorialidade rural é expressa de diversas formas, desde os vínculos afetivos da população com a terra, a cultura tradicional que é carregada por gerações, a coesão dos indivíduos com o lugar que denota o processo de capital social e as relações identitárias dos sujeitos com as práticas rurais (Alves, 2021, p.39).*

Para o entendimento da ruralidade não podemos focar somente nas relações sociais existentes no espaço rural (Alves, 2021).

*É importante destacar que ao tratarmos da ruralidade, não estamos mantendo o conceito a suas práticas tradicionais e do passado, mas como essas práticas vão se alterando com o progresso da sociedade, ou seja, não sua exclusão ou reclusão, mas sua manutenção com o advento de novos processos no campo e na cidade (Alves, 2021, p.41).*

A dimensão econômica tem um papel importante na discussão da ruralidade, pois representa a ação cotidiana do trabalho da população (Abramovay, 2000, p.36). Na comunidade tradicional as mulheres desempenham um papel crucial tanto na agricultura, quanto na segurança alimentar, e são vistas como gestores dos recursos naturais. Ao longo dos tempos as mulheres rurais têm enfrentado desafios cotidianos nas suas casas no que tange, o trabalho reprodutivo, assim como o trabalho doméstico.

Segundo Alamada Bidiandé (2023, p.6), “na Guiné-Bissau, mulheres e homens são educados ou ensinados de diferentes maneiras. As mulheres desde pequenas são ensinadas a fazer os trabalhos domésticos, cuidar da casa em geral, e são obrigadas a aprender a fazer comida, ao passo que os homens”.

Há uma naturalização de que os trabalhos de cuidados são para as mulheres, isso se verifica muito nas comunidades rurais dos mandjakus. Uma vez que existe uma divisão sexual do trabalho nesta localidade, tendo em conta que há um tipo de trabalho específico para os homens e para as mulheres.

*Nas comunidades rurais, as mulheres têm tarefas diferentes com os dos homens, ou seja, mulheres e homens têm responsabilidades desiguais durante o trabalho agrícola. Os homens geralmente são responsáveis pelos cultivos em grande/larga escala, ao passo que as mulheres são responsáveis pelos cultivos de pequena escala, garantindo assim o sustento da família (Bidiandé, 2023, p.2).*

Por exemplo: cortar as árvores, reparar estradas, construção de réguas nas bolanhas (várzeas) etc. tudo é para homens. No entanto para as mulheres é designado o trabalho de cuidados. Elas são responsáveis por cuidar da criança ao mesmo tempo cozinhando e arrumar a casa. Isso não acaba por aqui, elas mesmo cuidando de tudo, fazem trabalho de plantação sobretudo com crianças nas costas.

A literatura sobre divisão sexual do trabalho segundo Flávia Biroli (2016) apresenta dois axiomas:

*Axioma (1) A divisão sexual do trabalho é uma base fundamental sobre a qual se assentam hierarquias de gênero nas sociedades contemporâneas, ativando restrições e desvantagens que produzem uma posição desigual para as mulheres.*

*Axioma (2) - Essas hierarquias de gênero assumem formas diferenciadas segundo a posição de classe e raça das mulheres. A divisão sexual do trabalho não encontra, no entanto, um limite nas vantagens de classe e de raça - impacta as mulheres por serem mulheres, ainda que isso não signifique padrões resultantes comuns" (Biroli, 2016, p.721).*

Se percebe que a divisão sexual do trabalho no contexto rural favorece os homens, não as mulheres, uma vez que os homens conseguem fazer trabalho dito produtivo com benefício renumerado. As mulheres nesse âmbito, ficam com os trabalhos domésticos e de cuidados visto como trabalho improdutivo não remunerado.

Segundo Biroli (2016, p.721) “a divisão sexual do trabalho doméstico implica menor acesso das mulheres a tempo livre e a renda, o que tem impacto nas suas possibilidades de participação política e nos padrões que essa participação assume”.

Parece que na comunidade tradicional tudo que as mulheres fazem é gratuito visto como obrigação delas, segundo Biroli (2016, p.726) “são elas apenas que fornecem esse tipo de trabalho gratuitamente, e sua gratuidade se define numa relação, o casamento. É nele que o trabalho gratuito das mulheres pode ser caracterizado como não produtivo”.

As mulheres Mandjaku das comunidades rurais enfrentam o mesmo problema como disse Biroli, as maiorias das atividades são realizadas por elas, sem que haja remuneração. As mandjuandadi são espaços onde essas pessoas conseguem ter acesso aos seus recursos e a própria autonomia da sua vida. As mulheres casadas tradicionalmente na comunidade Mandjaku, têm mais tendência de sofrer em relação às outras não casadas.

*[...] as mulheres casadas são as que sofrem diretamente a “opressão comum” fundada na divisão do trabalho, as restrições sofridas pelas mulheres divorciadas e pelas mulheres solteiras com filhos expõem o caráter sistêmico e institucionalizado da opressão: elas vivenciam os custos ampliados da ruptura com os padrões de dependência vigentes, sendo essa ruptura voluntária ou não (Biroli, 2016, p.727).*

Para outra autora que analisa a temática em contextos rurais, Herrera (2019, p.11) “o casamento surge para elas como um marcador temporal na experiência com o trabalho reprodutivo, pois representa o momento em que elas deixam de conviver sob a autoridade do pai e passam a conviver sob a autoridade do marido ou do sogro”.

As mulheres rurais Mandjaku convivem diariamente com autoridades machistas, mesmo elas sendo responsáveis pelo desenvolvimento sustentável da família, não recebem o devido reconhecimento por parte dos seus maridos.

Bidiandé (2023) ressalta-se que,

[...] as mulheres contribuem bastante, mas mesmo assim, as suas contribuições não são consideradas como importantes, pois são trabalhos feitos pelas mulheres, seria muito diferente se fossem trabalhos feitos pelos homens. É importante mostrar que os trabalhos que as mulheres fazem são bastante importantes para o crescimento do país e para a manutenção de grande parte das famílias guineenses (Bidiandé, 2023, p.8).

É notório que as mulheres rurais Mandjaku são a força maior dos trabalhos agrícolas, em especial, a produção de arroz e de hortaliças. Elas rompem a expectativas tradicionais afirmando com as suas ações na mandjuandadi as quais mostram que, uma mulher é capaz de fazer trabalhos que exigem força, tanto quanto os homens.

[...] as mulheres contribuem de outra forma para o desenvolvimento rural, especialmente pela ligação que têm com os alimentos e a cozinha, o cuidado com as crianças e outros membros da unidade familiar e afirma que elas são portadoras de inovações que, embora discretas, são decisivas para o sucesso da exploração agrícola da agricultura familiar e economia rural (Butto, 2023, p.25).

A mulher na comunidade tradicional rural Mandjaku, é uma figura essencial, pois desempenha diversas funções na vida, ela é responsável pelo crescimento econômico da comunidade. Cristina Carrasco (2018) afirma que, [...] as mulheres são sustentadoras de toda a estrutura social e econômica. Tendo em vista que, elas mesmas se apoiam uns a outras, segundo Hericson Sampa (2024, p.6), “o apoio que essas mulheres têm uma com a outra, fizeram com que elas se encaixassem nos diferentes espaços das sociedades, e isso fez com que elas passassem a ter uma outra visão, tanto no campo da produção, assim como na sociedade em geral. As mulheres na Guiné-Bissau movimentam muito economia do País sobretudo no setor informal. Rosiani Martins (2022, p.2), afirma que “o trabalho das mulheres no setor informal tem contribuído para sua autonomia econômico-financeira, sua emancipação e uma maior participação na sociedade guineense.

### Mulher e a responsabilidade familiar

Na comunidade Mandjaku as mulheres ocupam uma grande responsabilidade, tanto nos trabalhos domésticos quanto nos trabalhos de cuidados. Herrera (2019),

[...] os trabalhos domésticos e de cuidados abrangem todos os trabalhos necessários à reprodução da vida cotidiana da família e dos indivíduos que a compõem. O trabalho de cuidados encontra-se entrelaçado com o tecido da vida cotidiana das mulheres, quer elas saiam de casa para trabalhar ou não (Boris, 2014, p. 102) apud (Herrera, 2019, p.73).

[...] o cotidiano de mulheres rurais, pois, além de serem responsáveis pelos cuidados com as pessoas, elas também despendem cuidados com animais e plantas. Como responsáveis pelos cuidados do meio ambiente, além dos cuidados interpes-

*soais, elas se defrontam com uma jornada ainda mais intensa de trabalho cotidiano” (p.74).*

Se percebe que, na construção social, a mulher carrega dupla responsabilidade, chefe da família ao mesmo tempo mãe da família.

*Ainda que se considere que a maioria das casas seja chefiada por homens, as mulheres têm tido um papel fundamental na contribuição e gestão econômica e social dos seus agregados familiares, tanto a nível da segurança econômica quanto na educação informal e formal dos seus filhos, principalmente nos países onde os trabalhos assalariados são escassos e o aumento do desemprego masculino sobrecarrega as mulheres com a tarefa de manutenção dos agregados familiares (Itumbo, 2021, p.22).*

Desde muito tempo os homens da etnia Mandjaku emigram com objetivo de melhorar a condição da vida. Muitos trabalham duro e juntam dinheiro para realizar esse propósito de emigrar. É importante ressaltar que, as famílias que têm plantações, os trabalhos de cuidados recaem sobre as mulheres. É visto também que nas comunidades rurais de Mandjaku as mulheres são principais preservadoras dos ensinamentos dos ancestrais. Tendo em conta o fator migratório e dos estudos, pois, os homens têm saído muito para zonas urbanas ou para diáspora. As mulheres que ficam para cuidar das plantações não só também por questão do casamento, que destaco como a principal razão que impede Mulher Mandjaku de sair na zona rural.

*[...] as manifestações das tradições dos Manjacós em um contexto de uma forte emigração, na maioria por parte dos homens mais jovens, e de que forma isso impactou na organização das tabancas. Ressalto quanto a isso o fato de que este êxodo populacional afeta as atividades de subsistência (menos pessoas trabalhando nas bolanhas), criação de animais, atividades domésticas e comerciais prejudicadas. Ao afetar a terra, também afeta as pessoas na comunidade, como consequência causam o descontentamento dos espíritos ancestrais e divindades, de forma que ameaça permanentemente o bem-estar das famílias na comunidade. Ressaltaria ainda o fator de que a maior parte dos trabalhos deixados pelos homens que emigram recai sobre as mulheres nas tabancas, sobrecarregando-as tanto física como emocionalmente” (Jesus, 2018, p.39).*

Trabalho nas terras sempre teve uma forte participação das mulheres, elas são fundamentais para o funcionamento de cada sociedade para a sustentabilidade da vida e da natureza.

## Considerações Finais

O presente artigo analisou independências e autonomias as mulheres mandjakus e desafios enfrentados nos espaços rurais, também resquícios de uma cultura patriarcal, machista

e sexista, foram, e continuam sendo, prejudiciais para o avanço e conquista dos seus direitos de cidadania (Costa; Quintana, 2024).

O Empoderamento Feminino é um tema fascinante e multifacetado, pois é um conceito que envolve a promoção da igualdade de gênero, a garantia de direitos humanos e a criação de oportunidades para que as mulheres possam participar plenamente em todos os aspectos da vida social, econômica e política. Isso inclui a educação, o desenvolvimento profissional, a saúde e o bem-estar, e a participação em processos de tomada de decisão.

Na sociedade africana essa discussão do gênero ganhou nos últimos anos uma grande notoriedade assim como em toda parte do mundo, até mesmo os países que mais se apresentam como conservadores, nitidamente perceberam esse vento de grande mudança nas questões do gênero. Para os países que sofreram com o processo colonial não foi diferente, especificamente a Guiné-Bissau.

Muito se tem visto recentemente na Guiné-Bissau sobre as iniciativas das mulheres que visam desmantelar por meio das lutas as estruturas sociais dominantes consideradas machistas e sexistas no seio da sociedade. Essa estrutura de dominação masculina teve um percurso de longa duração, mas não se pode negar que a estrutura colonizadora teve um grande papel em determinar a continuidade desta prática, visto que a estrutura familiar ocidental é patriarcal, o que reforçou ainda mais esta lógica em quase todos os âmbitos sociais.

Por outro lado, o feminismo foi problematizado pelo viés ocidental adotado. Dentro desta perspectiva, o gênero é o princípio organizador dessa estrutura familiar. Portanto, as mulheres tornam-se em esferas privadas da subordinação, mas esse padrão não é universal, segundo Oyérónké (2004). Ao contrário desta teoria, Oyérónké (2004) mostra como na África Ocidental (Nigéria e Guiné-Bissau são países da África Ocidental) a configuração da família está definida, para além da categoria mulher ser sinônimo da procriação. Ainda na análise desta autora, a matrifocalidade era dos principais sistemas familiares africanos, a mãe é o eixo em torno do qual as relações familiares são delineadas e organizadas. Ainda é visível este tipo de padrão familiar na Guiné-Bissau, principalmente quando se trata das questões étnicas. Na etnia (Mandjaku) e em muitas outras etnias a mãe é reconhecida como o centro. Esta estrutura familiar nuclear/Ocidental alienígena conseguiu ser importada para a África por causa do processo colonial, que mudou por completo a esfera social e política da Guiné-Bissau. Oyérónké (2004), afirma que, um dos efeitos do eurocentrismo, é na verdade, o privilégio de gênero masculino como uma parte essencial do ethos europeu que está consagrado na cultura da modernidade. O ethos enquanto estratégia persuasiva estabelecida pelas teorias que disseminaram a credibilidade e confiança na família nuclear ocidental patriarcal, com o objetivo de ganhar a confiança e aceitação dos outros

povos, tiveram sucessos nas suas colônias, mesmo após as independências, muitos países continuaram a seguir esse modelo de família.

Alguns aspectos ajudaram a moldar e conservar esse padrão familiar como, a religião, as práticas culturais e a educação. Além dos aspectos elencados, existem outras práticas que compõem essa esfera da dominação patriarcal como o machismo e o sexismo. Mas, é visível que nem todas as mulheres são submissas, ou passam por estas práticas de subordinação, portanto não se pode generalizar/universalizar a submissão. No entanto, é preciso uma análise cuidadosa para demonstrar quais passam por estes problemas. Que mulheres mais sofrem a submissão e a violência? Nos espaços públicos das tomadas de decisões, será que todas as vozes das mulheres são ouvidas da mesma forma?

É importante ressaltar que segundo Sardenberg (2006, p.4) [...] “o conceito de empoderamento na perspectiva feminista resulta de debates e críticas importantes levantadas sobretudo por feministas do chamado Terceiro Mundo”.

Dessa forma, se comprehende empoderamento como lutas das mulheres contra sistema patriarcal. As mandjuandades nos contextos rurais vem contribuindo com colaboração essencial para que as mulheres rurais possam ter controle das suas próprias vidas.

## RREFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Ricardo. Funções e Medidas da Ruralidade no Desenvolvimento Contemporâneo. Rio de Janeiro, 2000.
- ALVES, Flamarion Dutra. Apontamentos teórico-metodológicos sobre a ruralidade. Revista Rural & Urbano. Recife. v. 06, n. 01, p. 27-46, 2021. ISSN: 2525-6092
- BARBOSA, Raoni Borges. A redefinição da ruralidade e das culturas camponesas no processo de globalização. Revista IDEAS, v. 9, n. 1, 2015.
- BENGOA, Cristina Carrasco. A Economia Feminista: Um Panorama sobre o Conceito de Reprodução. Temáticas, Campinas, 26, (52): 31-68, ago./dez. 2018.
- BIAGUE, Goia Alfredo. DA INVISIBILIDADE À REPRESENTATIVIDADE: breve discussão sobre a mulher na esfera pública de Guiné-Bissau. IX Jornada Internacional de Políticas Públicas. 20-23 de agosto 2019, Cidade Universitária da UFMA, São Luis Maranhão/Brasil

BIDIANDÉ, Alamada. Participação das Mulheres nas Atividades Agrícolas na Guiné-Bissau. TCC apresentado ao curso de Licenciatura em Ciências Sociais da UNILAB/BA, 2023.

BIROLI, Flávia. Divisão Sexual do Trabalho e Democracia. Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, vol. 59, no 3, 2016, pp. 719 a 681.

BUTTO, Andrea. Os Estudos Rurais de gênero no Brasil: trabalho, reprodução e os modelos de agricultura. In: Ciência, identidades e relações de gênero / organização, Andrea Butto, Josias de Paula Júnior, Maria do Rosário Leitão e Rosa Maria de Aquino. - Campina Grande: EDUEPB, 2023. Pg. 11 a 32.

CARNEIRO, Maria José. Ruralidade: novas identidades em construção. Texto publicado integralmente nos Anais do XXXV Congresso da Sociedade Brasileira de Sociologia e Economia Rural, Natal, agosto, 1997.

CARREIRA, Antônio. O livriato no grupo étnico manjaco: contribuição para o estado da sua extensão na zona intertropical. Boletim cultural da Guiné-Portugueses, 8 (29), pp-107 a 11

CARVALHO, Ricardo Ossagô de; MBUNDÉ, Daiana Fernando. Mandjuandade como espaço de luta pela Emancipação Feminina no contexto social na Guiné-Bissau. DOI 10.31418/2177-2770.2021 | ISSN 2177-2770. Revista da ABPN • v. 13, n. 36 • Mar - Mai 2021 • p. 141-162

CAVACAS, Fernanda. As Manjuandades na Tradição Oral da Guiné-Bissau. Universidade Nova de Lisboa. SCRIPTA, Belo Horizonte, v. 3, n. 5, p. 227-242, 2º sem. 1999.

COSTA, Marli Marlene Moraes da; QUINTANA, Stéffani das Chagas. As Mulheres Rurais e a Luta Pela Igualdade de Gênero no Brasil: Uma Análise à Luz do Ecofeminismo e da Sustentabilidade. Caderno Humanidades em Perspectivas, Curitiba, v. 8, n. 20, p. 41-50, 2024.

COSTA, Vladimir da. Katchituran em Caió, Guiné-Bissau: O povo Mandjaku e a Formação do Imaginário Étnico-Social. TCC, UNILAB, ACARAPE, CE. 2022

FDB- Faculdade de Direito de Bissau. Direito Costumeiro Vigente Na República Da Guiné-Bissau. Com a colaboração do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa (INEP), 2007- 2011.

FIGUEIREDO, Angela; GOMES, Patrícia Godinho. Para além dos Feminismos: Uma Experiência Comparada entre Guiné-Bissau e Brasil. Estudos Feministas, Florianópolis, 24(3): 398, setembro/dezembro/2016. <http://dx.doi.org/10.1590/1806-9584-2016v24n3p909>

HERRERA, Karolyna Marin. A Jornada Interminável: A Experiência no Trabalho Reprodutivo no Cotidiano das Mulheres Rurais. Tese, Florianópolis 2019.

INTUMBO, Mariett Faustina Ferreira. Monoparentalidade Feminina na Guiné-Bissau Rural:

desafios das mulheres na gestão das suas famílias. Dissertação para obtenção de grau de Mestre em Estudos Africanos. Lisboa 2021.

JESUS, Bernardo Gomes De. Manjacos da Guiné-Bissau: Sobre Discursos, Cultura, Saberes e Tradições no Período Colonial e Pós-Colonial. TCC apresentado ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS, Porto Alegre, 2018.

MARTINS, Rosiani Sanca. Participação das Mulheres Guineenses no Mercado Informal e suas Contribuições para o Crescimento da Economia do País. Trabalho de conclusão de curso, apresentado ao curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Malês, 2022.

MENDES, Paulina. Entre os “Saberes locais” e o “Saber universal”: A modernização das comunidades manjaco e a mandjição do Estado na Guiné-Bissau. (teste de doutoramento em pos-colonialismo e cidade global, Faculdade de economia da universidade de Coimbra), setembro 2014, pp-54 a 125.

MENDES, Virgínio Vicente. Rituais e iniciação do povo Manjaco da Guiné-Bissau: Adivinho/Napene e Régulo/Namantch. UNILAB, TCC BHU, São Francisco do Conde Bahia, 2017, pp-16 a 42.

NARCISO, Vanda Margarida de Jesus dos Santos. Mulheres e Terra: Faz a Matrilinearidade Diferença? Uma Leitura da Situação no Distrito de Bobonaro em Timor-Leste. Dissertação de Mestrado em Estudos sobre as Mulheres, As Mulheres na Sociedade e na Cultura. FCSH - Universidade Nova Lisboa, setembro, 2013.

OYEWUMÍ, Oyérónké. Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. Tradução para uso didático de: OYEWUMÍ, Oyérónké. Conceptualizing Gender: The Eurocentric Foundations of Feminist Concepts and the challenge of African Epistemologies. African Gender Scholarship: Concepts, Methodologies and Paradigms. CODESRIA Gender Series. Volume 1, Dakar, CODESRIA, 2004, p. 1-8 por Juliana Araújo Lopes.

SAMPA, Hericson Gabriel. Mulheres, Mães de Família, na Agricultura em Canchungo na Guiné-Bissau: Desafios e Perspectivas entre os anos 2007-2018. Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Malês, 2024.

SARDENBERG, Cecilia M. B. Conceituando “Empoderamento” na Perspectiva Feminista. I Seminário Internacional: Trilhas do Empoderamento de Mulheres - Projeto TEMPO’, promovido pelo NEIM/UFBA, em Salvador, Bahia, de 5-10 de junho de 2006.

SEMEDO, Maria Odete da Costa Soares. AS MANDJUANDADI - CANTIGAS DE MULHER NA GUINÉ-BISSAU: da tradição oral à literatura. Tese, Belo Horizonte, 2010.

SILVA, Jaqueline Santos; SOUZA JUNIOR, Martinho Luthero de. Empoderamento Feminino: Um Estudo De Campo Com Mulheres Em Diversos Espaços Da Sociedade Local. 2019.